

CRISE ECOLÓGICA E O ESQUECIMENTO DO SER

GABRIEL MOTA GONÇALVES¹;
NUNO MIGUEL PEREIRA CASTANHEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas— gabrielmotta91@live.com

²Universidade Federal de Pelotas— npcastanheira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Segundo a filosofia de Martin Heidegger, o ser humano é um ser-no-mundo, ou seja, não está *dentro do mundo como um objeto em uma caixa*. O *Dasein*, nome dado por Heidegger ao ser do ente humano, é um ser lançado (ek-sistência) que desde o nascimento já é seu mundo. *Dasein* é sua abertura (*Erschlossenheit*), entregue ao mundo. Mundo, nesse sentido, não é algo exterior ao ser humano, mas é algo constitutivo: o ente humano é o ente que habita, se envolve e se orienta no mundo de modo essencialmente distinto dos outros entes. Ele não apenas *está* no espaço, mas *está* nele envolvido no empenhar-se do direcionamento aos outros entes. Portanto, ser-no-mundo é devidamente representado através de um mergulho para fora, que se detém junto às coisas naturais “dotadas de valor” e *simplesmente dadas*.

Diante do exposto, com a obra de Heidegger é-nos possível pensar, de fato, como faz o próprio autor, o ser humano como um sujeito relacional: (1) relacionado a seu próprio ser, uma vez que é um ser-junto-a-si; (2) relacionado ao mundo-situação, pois tem sua pertinência a uma rede de remissões e significados; (3) relacionado aos outros entes, na medida em que é *ser-com* outros semelhantes e também com outros distintos. Levando em consideração o modo de existência do ente humano, como aponta a filosofia heideggeriana, nos cabe pensar o que fazemos destes privilégios ôntico-ontológicos que nos “dotam de mundo”.

No mundo moderno, as acelerações contemporâneas - como analisam autores como Hartmut Rosa (ROSA, 2022) e Paul Virilio (VIRÍLIO, 2015) – se estreitaram ainda mais as possibilidades de o *Dasein* se voltar ao que é mais essencial no processo de individuação, apropriação de sentido e escuta àquilo que se dá ao pensamento, como propõe Heidegger em *Was heisst Denken?* (HEIDEGGER, 2012). Na mesma esteira, em sua célebre preleção sobre a técnica (HEIDEGGER, 2012), examina como a técnica moderna transforma os modos de desencobrimento, oferecendo uma contribuição significativa para o debate em torno da tecnologia. Hannah Arendt, em *A*

condição humana (ARENDT, 2007) analisa o fenômeno da alienação da terra provocada por essa técnica, na medida em que o ser humano se alça a descobrir, mundos para além de suas raízes terrenas. Vilém Flusser (FLUSSER, 2011), seguindo Arendt, observa que a lua, antes divinizada, agora é concebida como uma plataforma: um sinal claro do desenraizamento na era das imagens técnicas.

Neste contexto, a crise ecológica, enquanto crise existencial, política e de habitação, manifesta o esquecimento do valor intrínseco dos espaços habitados e dos complexos de vida. Quando a coabitação é substituída por coisificação e exploração - da Terra, do mundo, do ser humano -, revela-se o esquecimento do ser (*Seinsvergessenheit*), enquanto a primazia da lógica de dominação e ao enquadramento (*Ge-stell*), não apenas da técnica moderna, mas do modo de vida que engendra ao se inclinar ao caráter utilitário. Esse horizonte reduzido transforma o planeta em mero recurso (*Bestand*), obscurecendo a abertura ontológica do ser humano e seu potencial poético, inclusive no uso alternativo da técnica, como propõe Gorz (2002) com a ideia de uma tecnologia aberta. Esquecer o ser é, assim, perder a capacidade de perceber a rede de remissões entre os entes e a singularidade do humano como arauto do ser — o que leva ao empobrecimento espiritual e cognitivo que rebaixa os seres do mundo à condição de coisas desprovidas de historicidade.

Conceber a crise ecológica como a conjunção de diferentes crises interligadas permite ampliar a compreensão acerca da ubiquidade dos problemas contemporâneos. Nesse sentido, o uso do termo “crise multidimensional” como prefere Nuno Castanheira (CASTANHEIRA, 2025), é apropriado enquanto eixo de compreensão para a “experiência de uma crise generalizada e indefinida, com manifestações nos mais diversos quadrantes da vida humana.” Ao partilhar da crítica heideggeriana ao esquecimento do ser e à técnica moderna, é possível investigar as atuais condições de habitabilidade, relendo, modestamente, a analítica da existência sob nova luz. A filosofia de Heidegger, alimentada pela fenomenologia de Edmund Husserl, oferece uma via alternativa para pensar o mundo a partir da experiência de ser-no-mundo

2. METODOLOGIA

No campo da Filosofia, a presente pesquisa opta por uma abordagem, investigação conceitual e discussão crítica em torno da obra tardia de Martin Heidegger e suas contribuições para o debate ecológico e político contemporâneos, para lançar luz acerca da constituição ontológica do ser humano enquanto um sujeito formador de

sentido a partir da experiência de ser-no-mundo. Isto é: o termo ser-no-mundo (*in-der-Welt-Sein*) enquanto um *a priori* da existência humana que conjuga os mais diversos existências que o configuram enquanto um ente capaz de se questionar a respeito do ser. Em *Ser e tempo* (1927), Heidegger propõe uma analítica da existencialidade da existência humana que permita uma posterior investigação entorno da questão do ser (*Seinsfrage*) sendo essa, a questão premente da qual a tradição da filosofia ocidental se desviou e, por esse motivo, é por ele criticada.

O trabalho de investigação será realizado mediante reconstrução bibliográfica recorrendo à bibliografia primária composta por textos do filósofo alemão Martin Heidegger, especialmente os textos ditos tardios (pós 1930), onde o autor adota uma linguagem poética que nos permite comparar os modos de habitação no mundo tecnológico moderno a possíveis alternativas menos hostis a vida no planeta terra, e por outro lado, mais autêntica em relação à preservação do mundo enquanto espaço de coabitação e interdependência. São estes os textos da bibliografia primária: *Construir, habitar, pensar* (HEIDEGGER, 2002), *A questão da técnica* (Idem, 2012), *Poeticamente o homem habita* (Idem, 2012), *Ser e tempo* (Idem, 2015).

Além da leitura das obras do autor, serão mobilizadas oportunamente comentadores que dialoguem com a questão da sociedade moderna, técnica e tecnologia, ecologia, antropologia, como Hannah Arendt, Herbert Marcuse, Hans Jonas, Hartmut Rosa, Paul Virilio, Gilbert Simondon, Don Ihde, Nancy Frasser, Tim Ingold, entre outros. A partir desta bibliografia de apoio, é possível estabelecer parâmetros e perspectivas acerca do problema das mais diversas crises contemporâneas e como as compreender, em seu amálgama, enquanto crise ecológica em sentido específico, enquanto crise política, além de reinterpretar a filosofia heideggeriano sob o ponto de vista crítico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tratando do tema da crise ecológica enquanto crise de habitação, foi possível ampliar a noção de crise ecológica para uma compreensão mais abrangente e filosoficamente mais robusta, uma vez que os resultados, até aqui, permitiram lançar luz às crises contemporâneas enquanto consequência do modo de vida atual alienado em relação ao espaço habitado, que compromete o trabalho, a produção e apropriação de narrativas e símbolos. A bibliografia ajuda na compreensão acerca dos modos em que o modelo de produção econômico atual engendra e acentua estes sintomas,

levando em consideração os inúmeros processos excludentes, adstringentes e limitantes que recebem o respaldo jurídico e constitucional dentro do ordenamento capitalista e democrático.

4. CONCLUSÕES

O trabalho de pesquisa apresenta um caráter inovador na medida em que enceta um olhar renovado por sobre os termos já consagrados da filosofia heideggeriana, sem passar por sobre a literatura já existente no que respeita a contribuição da filosofia heideggeriana ao debate ecosófico contemporâneo. A intenção de aproximar a filosofia, de seus autores canônicos, a autores de outras áreas do conhecimento, como ecologia e antropologia é visto como um elemento de maior importância, uma vez a necessidade de debater os impasses concretos e emergentes com maior amplitude e interdisciplinaridade, com o interesse de levar a filosofia para os mais diversos espaços de debate, de congressos filosóficos a ambientes escolares.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FLUSSER, Vílem. **Natural:mente – várias vias de acesso ao significado de natureza**. São Paulo: Annablume, 2011

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. In: **Ensaaios e Conferências**.. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. **O que quer dizer pensar?**. In: **Ensaaios e Conferências**.. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2015.

ROSA, Harmut. **Aceleração: A transformação das estruturas temporais da Modernidade**, São Paulo: Unesp, 2019.

VIRILIO, Paul. **A estética da desapareição**, Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.